

AUTONOMIA DA UNIVERSIDADE

Eleição do Magnífico Reitor *

por

FRANCISCO CARMO **

Résumé

Le texte énumère les *Facteurs individualisants* du récipiendaire, lors de la cérémonie officielle de sa nomination au titre de Recteur de l'Université des Açores, selon l'ordre du vers latin: *forma, figura, locus, tempus, stirps, patria, nomen*, qualités par lesquelles il l'identifie et le désigne. Il relève les aspects fondamentaux de son PROJET, offert à la communauté universitaire qui l'a élu, et notamment: les *Principes* qui l'inspirent — 1) l'Université est une institution de mérite scientifique, 2) un organe de création et de transmission du savoir, 3) un puissant facteur de l'universalité des Açores; les *Vecteurs* qui l'animent — 1) Révision des plans d'études (création, entre autres, d'un cours de sociologie), 2) priorité à donner aux installations de l'Université. On analyse également, à grands traits, l'INSTITUTION: 1) *Problématique de l'Université* sous l'aspect de l'autonomie acquise, de la spécialisation intégrée et de la contribution au développement régional; 2) *Profil de l'universitaire*, dont se détachent quelques traits particuliers — rationalité, scientificité, attitude pédagogique et disposition morale.

* Pronunciado na sessão solene de apresentação do Magnífico Reitor da Universidade dos Açores, eleito nos termos da Lei da Autonomia Universitária.

** Professor da Universidade dos Açores.

Summary

The text refers to the Special Notes on the person presented, on his taking of office of the Rectorship of the University of the Azores, following the Latin verse — *forma, figura, locus, tempus, stirps, patria, nomen* that identify and distinguish him. It specifies fundamental aspects of his Project, offered to the University community which elected him, namely the *Principles* which inspired it: 1) the University is an institution of scientific worth 2) it is an organ for the creation and transmission of knowledge 3) it is a key factor for the University of the Azores; the principle *lines* of action are: 1) the revision of the curriculum (the introduction of a Sociology course, among others); 2) priority given to the University installations. A broad analysis of the *Institution* is included: 1) the question of the University from the point of view of acquired autonomy, of integrated specialization, and the contribution to local development; 2) the Profile of the University academic, stressing some particular features — rationality, scientific quality, pedagogic outlook and moral attitude.

Abre-se hoje um NOVO LIVRO na história, ainda breve, desta Universidade.

Vou chamar-lhe, para efeito de divulgação, o *Livro Verde*, não para comprazer com a designação antonomástica da Ilha em que estamos, pois a Universidade é das Ilhas e de todas, mas porque a atitude será a da esperança que aquela cor simboliza. Esperança que se tem, esperança que se dará.

«Esperança é a última coisa a morrer», diz-se. E nós queremos, é rumar para a vida, para a luz — «*Sicut aurora scientia lucet*».

O Livro chama-se, de seu verdadeiro nome, AUTONOMIA DA UNIVERSIDADE. E tem um subtítulo: ELEIÇÃO DO MAGNÍFICO REITOR.

Coube-me, pelo *status* que me advém de membro da Assembleia da Universidade e pelo decanado de Doutor que nele concorre, coube-me fazer-lhe o prefácio e, por ele, a apresentação. Escrevê-lo-emos todos, com várias letras e capítulos,

mas unificados num objectivo final. A recensão deixá-la-ei a outros — observadores, analistas, peritos na história das instituições, biografistas dados ao recorte das personalidades.

Em categorias analíticas, a todo o *status* correspondem expectativas de acção ou *papéis* — e este que desempenho é do tipo *atribuído*. Não é direito de conquista ou *obtenção pessoal*.

Movo-me, pois, entre o *onus*, encargo que é meu — *onus officii*; e o *honor*, a honra que a Outrem devo prestar — *honorem alicui tribuere*.

Neste prefácio tive o *cuidado de não dizer mais do que convém* (no sentido puro de *convenire*), porque o tempo é breve e há presenças de circunstância; tive a *cautela de dizer tudo o que devo*, porque estou no exercício duma função ou papel atribuído que assumo; e tive também a *certeza antecipada de não poder dizer tudo o que penso*, porque não quereria ser, para vós, o agente de uma paciência forçada, sem mérito e ingloria.

Gostaríamos que este Livro, que ora se abre, se fizesse *best seller*. E muito jeitoso seria, que o fosse. Não só para suprir carências que alguns sectores experimentam e outros não medem ou avaliam à suficiência, mas, sobretudo, para que ficasse na memória colectiva das Ilhas como padrão duma oferta de *maior saber* e sinal de um desenvolvimento realizado.

Estamos num tempo — passagem de fronteira — em que nos foi dado construir o nosso futuro em liberdade e com autonomia — *a da Região e a da Universidade*.

Em três tempos se desenvolverá esta minha palavra:

- 1 — O HOMEM
- 2 — UM PROJECTO
- 3 — A INSTITUIÇÃO

1. O Homem

Do verso latino, que recolhi de usado compêndio, ressaltam, em palavras soltas, as *notas individuantes* por que se *identifica* alguém:

*forma, figura, locus, tempus,
stirps, patria, nomen.*

Usando-as, na circunstância, permitir-se-á que não me fique apenas no sentido imediato das palavras mas lhes descubra ou aproveite conotações mais alargadas.

A instituição, em termos de análise, pode exprimir-se num conceito abstracto — a Educação; mas a organização realizada torna-o concreto — a Universidade. Possível é também caracterizar a função sem referência ao seu titular, mas ela não se faz efectiva sem o Homem, a pessoa real. Não poderei, pois, falar da instituição sem me situar, neste caso, na *Universidade dos Açores* e da função que ela tem, sem referir o Reitor que a dirige, pela razão acrescida ainda do carácter próprio desta reunião.

Aduzindo, quando ocorram, alguns testemunhos, tento descobrir nos pronunciamentos ou na avaliação dos seus autores a imagem do Apresentado, ao jeito da teoria do *Looking Glass Self* ou EU do espelho (Cooley). EU é o *Self*; espelho são os outros — *Looking Glass* (as palavras em citação).

Sem o rigor do hilomorfismo e alheio à sua polémica, entendo por *forma* o que advém à pessoa pelo exercício das suas faculdades, aptidões e estudo. E recolho de testemunho insuspeito que a forma dele, seu modo de estar, é a de «um autêntico *scholar*»: erudito, homem de letras, humanista, em quem a escola, o aprender e o ensinar deixaram marcas. E essa forma transparece na fluência do discurso, na propriedade e riqueza do vocabulário; na articulação pensada dos argumentos e razões.

E forma é também o modo polido e delicado que mantém nas relações humanas, comuns, que alguém apreciava assim: «*Querê-lo-ia tão efectivo no apoio, como afectivo se mostra no trato*».

Sem deixar de ser professor da cadeira de Literatura portuguesa, por vontade expressa de acompanhar o ensino e a investigação na sua área, ele assume agora a *figura* mais saliente ou função de Reitor, por eleição da comunidade universitária, somando-a ao primeiro mandato de nomeação oficial. «Ele tem, confidenciam, *um entendimento esclarecido do que é uma Universidade...*» A erosão do tempo, todavia, e o jogo de forças deixam sinais. E toda a função sofre desgaste. Mas é na pessoa do seu titular que ele se estampa e às vezes faz rugas. Não se caminha nem se acaba como quando se começa, facto este que o dizer popular bem simboliza no verso:

*«O sol quando nasce é rei
Ao meio dia [já] é morgado»*

E neste tom continua... até ao poente.

Mas será possível que a esperança e a coragem renasçam para um novo dia ou mandato pois que, e continuando o simbolismo:

*«Olhai que até o próprio sol
Volta todas as manhãs.....».*

Angra do Heroísmo da Ilha Terceira é o *lugar* (locus) onde nasceu e onde também fez o Liceu como aluno distinto — «*ele era o que tinha melhores notas e eu a segunda*», diz uma colega; licenciou-se pela Faculdade de Letras em Lisboa — Filologia Românica; Doutoramento e Agregação na Universidade dos Açores onde é Professor Catedrático de nomeação definitiva.

Percorre assim um arco de *tempo* (tempus) que vem de 1942 até ao presente e desejam os votos expressos, que se lançaram nas urnas, e os votos felizes, que se dizem em cumprimento, que realize bem o seu mandato. Bem haja! O tempo e a função ligaram-no a esta transição para a autonomia universitária

e ao processo que a preparou e, num testemunho que ouvi, e confirmei, «*ele foi tolerante, compreensivo e aberto nas sessões que prepararam e votaram os Estatutos desta Universidade*».

Estirpe é família, a que lhe deu raízes nos Açores e *pátria* em Portugal. Mas o seu espírito e a Universidade fizeram-no do mundo — mundo a que vai, e mundo que lhe vem — pelas *visitas, congressos, convénios*, numa transfusão de vida e de cultura. *Estirpe* são também os Mestres que fazem de paradigma, estímulo, criam hábitos (uma «segunda natureza») — nas aulas, em convivência, no contacto com os livros, abrindo horizontes, fazendo Escola. Entre todos VITORINO NEMÉSIO de quem foi discípulo e assistente, é admirador e cultor devotado.

À pluralidade temática de Nemésio, à sua erudição, bem se aplicaria aquele bom humor escolástico: «*de omnibus scibilis et quibusdam aliis*» (sabe tudo e mais alguma coisa); o discípulo é mais concentrado nas letras e na sua problemática.

Em programa de Televisão, e no grafismo do «*Se bem me lembro...*», Nemésio parece *esquecer*, e arrasta a voz em reticências ou, talvez, porque entre o muito que tem, quer escolher um para dizer; mas, nem assim, se embaraça e supre-o com um gesto ou uma modelação facial; o discípulo, nas reportagens televisivas a que não se furta, é pronto e mais selectivo, mas não esconde também, em situações críticas e face ao Poder, um certo *timor reverentialis* que o eufemismo officioso baptiza de «diplomático».

Dele fala o que escreveu — livros, artigos; o que diz em grupo ou sessão — intervenções e discursos; e o que faz e avalia — provas, concursos — o CURRICULUM é o homem.

E já é tempo de dizer o seu *nome*:

ANTÓNIO MANUEL BETTENCOURT MACHADO PIRES, a última nota individuante e identificativa (costuma ser a primeira).

2. Um Projecto

Até aqui falámos do *Homem*. Agora digamos de *Um Projecto*.

Projecto é intenção, visão de futuro, compromisso envolvente.

Cada um o terá, mesmo em forma simplificada, expresso num desejo, na vontade de fazer, visando objectivos.

Projecto é também adequação de meios a um fim para que não se fique no mundo puro da utopia, do sonho que se desfaz ao acordar da manhã, para se repetir, talvez, numa outra noite de pesadelo.

Projecto é ser homem na consciência de que a vida tem um sentido, realiza-se na história e consuma-se num fim último de plenitude. E plenitude não entendida como simples resíduo da acção humana que se alonga no tempo — nas obras realizadas, no recorte dos símbolos, na memorização dos padrões. Ela realiza a pessoa mesma e sobrevive nela.

Projecto é vida com os outros, na solidariedade e participação, na moldura das instituições, e no querer forte que as renova e liberta da estagnação.

Projecto é uma exigência da instituição e de quem lhe assume a responsabilidade maior.

A Universidade tem um Projecto. O Magnífico Reitor oferece um PROJECTO.

E esse Projecto foi levado a público para apreciação e esclarecimento, embora não sujeito à dialéctica do «frente a frente», tão-só por condições decorrentes de facto consumado. *O seu teste é a acção.*

Escrito, é também autenticado por um nome.

Ele é para o seu Autor um *compromisso*; para a instituição a *memória*; para cada um o *referencial*.

Não me cabendo expô-lo propriamente, nem fazer-lhe a defesa, respigarei apenas alguns *princípios* que o inspiram e certos *vectores* em que se empenha.

Os *princípios* que fixei:

- 1º A Universidade é, acima de tudo, uma instituição de mérito científico. Fazer ciência é sempre útil à humanidade, onde quer que ela se situe (p. 2). Este um princípio geral que outros complementam.
- 2º A Universidade só tem sentido como órgão de criação, transmissão e difusão de saber pelo que tem de fazer escola e ser exemplar para os alunos seus destinatários (p. 15).
- 3º A Universidade é o mais potente factor da universalidade dos Açores pelo enriquecimento humano da sociedade, pela criação de padrões culturais mais elevados (p. 6).
- 4º A Universidade dos Açores é também uma das que mais envolvimento têm na Região onde se insere, pelos projectos aplicados, pelas áreas em causa e solicitada pelas necessidades e problemas de uma região insular com suas peculiaridades naturais e sociais (p. 26).

Estes princípios ou pressupostos fundamentam e urgem empenhamentos de acção próxima, futura, ao *nível interno* e do *Poder*.

Retenho apenas dois tópicos.

Primeiro: «... Urge rever alguns planos de estudo. Nomeadamente pensa-se na criação de um curso de Sociologia com três «saídas» (Desenvolvimento Regional, Ciências Políticas, Comunicação Social) após um «tronco comum» (p. 15).

Destaco este curso não só porque vem no Projecto (cabe ao Senado aprovar) e vem em primeiro lugar, mas também porque, desde o princípio, se tem feito observações críticas ao curso de ensino, *História e Ciências Sociais*. Com duas componentes implicaria paridade, mas não a têm as *Ciências*

Sociais — reduzido número de disciplinas e tempos lectivos, sem estágio e sem colocação reconhecida. A proposta mesma de reformulação, feita há anos, não teve o êxito desejado e legítimo. Espera-se, pois, que a perspectiva aberta do *Curso de Sociologia* se confirme em execução (CARMO, 1966, 188).

Outros cursos a reformular e a criar são apontados no Projecto: reconversão do Curso de Filosofia, criação do Curso de Ciências Tecnológicas e desenvolvimento e, a prazo, licenciatura de Estudos Portugueses (pp. 15-16).

A lógica destas conversões ou inovações é a que resulta da experiência adquirida nestes anos, a situação do mercado de trabalho, as aspirações consciencializadas, as exigências sociais.

Segundo: Sob o título de *Vectores para o futuro* vem o enunciado geral «*Dar prioridade às instalações*» e, entre outras, são referidas as dos Serviços de Documentação, Edifício para as *Ciências Humanas* (cf. p. 11), Departamento de Ciências Agrárias, Departamento de Oceanografia e Pescas, etc. (pp. 13-14).

Em referência a este enunciado e quase a terminar observa-se: «Espera-se a compreensão [«acção»] das Autoridades Regionais em relação à prioridade a dar às obras da Universidade...» (p. 14). É mesmo «um compromisso tomado pelo próprio Governo da Região» (p. 13).

Neste contexto, e com tão credenciada recomendação, não nos podemos furtar à observação dos factos e ao seu confronto:

- Se vemos a brevidade com que se construiu o edifício da Assembleia Legislativa Regional na Horta, com instalações dignas e funcionais;
- Se vemos a obra vultuosa que é o porto oceânico na Ilha Terceira, apoio à indústria e canal do comércio;

- Se vemos, e *vimos*, a Escola das Laranjeiras em S. Miguel, começar, terminar e ampliar-se, de original traça e bem sortido equipamento;

e em nada se tira o mérito dos que promoveram tais obras e a utilidade para os que as desfrutam!!!

Se vemos isto, não podem deixar de aumentar as expectativas da Universidade e a urgência duma intervenção rápida e eficaz. E de lembrar é que a HORA DA UNIVERSIDADE não é à *Uma Hora*, com um só toque de relógio, mas ao MEIO DIA, com doze toques, porque o sol está a pino e a todo o fogo a construção (e se intervalo houver seja só para almoço e recro de energia) (CARMO, 1989, 1.º-2.º).

Se a Universidade se avalia pelo que fazem os seus professores, investigadores, alunos, e até funcionários, também se reconhece pela imagem das suas instalações, e do «amenagement» do seu espaço envolvente, que não se requer sejam sofisticados mas funcionais e humanos, para garantir a eficiência das acções e a alegria de estar.

3. A Instituição

Seguindo na trilogia do discurso, alcanço agora o último termo — a *instituição*.

A UNIVERSIDADE DOS AÇORES constituindo-se em Autonomia pela Lei n.º 108/88, viu os seus ESTATUTOS homologados por Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação, em Despacho Normativo n.º 178/90 de 22 de Novembro. Ao teor do artigo 23.º são órgãos de governo da Universidade a Assembleia, o reitor, o senado e o conselho administrativo. Cabe à Assembleia eleger o Reitor (art. 29.º) cujo mandato é de quatro anos e pode ser renovado uma só vez (art. 34.º).

E não deixarei de sublinhar, neste contexto, a colaboração muito activa e competente que o Senhor Eng.º ROBERTO CARNEIRO deu nos primórdios desta instituição e o solícito acompanhamento que ela ainda lhe merece como *Ministro da Educação*.

E direi também que continuamos a contar com o grande interesse e solicitude do Senhor *Secretário Regional da Educação e Cultura*, Dr. AURÉLIO DA FONSECA, por esta Universidade que é dos Açores e do país, aberta ao mundo.

E não omitirei ainda o *reconhecimento aos alunos* pelo trabalho que realizam durante o ano e pelo dinamismo e alegria que trazem à instituição, designadamente na animada *Semana Académica*.

Items desta 3.ª parte, *Instituição*:

A— Problemática da Universidade

B— Perfil do universitário

A— *Problemática da Universidade*

Na problemática da Universidade foco apenas alguns pontos, à maneira de índices.

A *Autonomia* da Universidade veio-se impondo e ganhando crédito e, finalmente, jus ao reconhecimento oficial e público, não em resultado de formas de luta ou movimentos de pressão mas, sobretudo, pela consciencialização, reflexão e debate da *Comissão de Reitores das Universidades Portuguesas* e pelo acompanhamento interessado e decidido do *Ministério da Educação*. Subjacente estava a experiência universitária recolhida e a necessidade duma renovação face à modernidade.

Esta trajectória está na lógica dos direitos que se reclamam, a vários níveis, para exercício conveniente da função e cumprimento do respectivo dever.

Tal situação é exigente como responsabilidade assumida e requer condições para que não seja meramente formal (SIMÕES, 1989, 94).

A pertinência com que as Autonomias Regionais reclamam apoios e a parcela conveniente no orçamento público, para que possam afirmar-se, crescer e maturar, é a mesma da Autonomia da Universidade que se quer real e desenvolvida, que quer aceder ao que lhe reconhecem por natureza e ao que lhe cabe por missão.

A *situação de risco*, se não se atendem tais problemas, foi já focada, sob certo aspecto, pelo responsável duma Universidade portuguesa e que é também de prevenção: «Não pode aceitar-se a inversão de objectivos, embora as restrições orçamentais estejam a «empurrar» as instituições de ensino para pontos de desequilíbrio indesejáveis, por perigosos... os fins só podem situar-se ao nível dos objectivos científicos e pedagógicos» (SIMÕES LOPES, 1990, 29).

É característico da ciência, em que está comprometida a Universidade, a *especialização*, o aprofundamento sempre maior da natureza e da realidade humana e social. Essa especialização tem vindo a aperfeiçoar-se nas técnicas que usa e a restringir-se na área de aplicação de cada um, pendor este que assim se exprime:

«tendemos a saber cada vez mais, acerca de cada vez menos; e acabaremos por saber tudo acerca de nada».

Mas, talvez, se possa também dizer que, quem sabe tudo acerca de nada, porventura, não saberá quase nada acerca do todo, ou, não terá por certo a perspectiva do conjunto. Por isso é que «um novo humanismo se está exprimindo na definição de novos relacionamentos intelectuais com a realidade; este humanismo defende alguns princípios básicos: deve conciliar-se a especialização com o interesse pelos problemas globais; a investigação empírica não menospreza os princípios éticos; a abstracção científica não elimina a compaixão; a identificação com a cultura própria não nos separa das

outras civilizações»; preocupação, pois, nesta nova visão, com a totalidade, a universalidade e a transcendência (CARRIER, 1987, 252).

Problema também posto à Universidade é o que lhe vem da sociedade e das regiões em que se insere, sobretudo se pequenas e com um leque restrito de instituições e de alternativas. Genericamente seria a participação da Universidade no *desenvolvimento regional*, o que implicaria:

- investigação aplicada como resposta aos problemas e solicitações sociais;
- tarefas de animação cultural e social através de centros, institutos;
- participação na criação e viabilização de empresas, constituindo mesmo um viveiro de empresários (ARCHAMBAULT, 1984, 590), e outras.

Não se exclui a resposta da Universidade a tais problemas da sociedade, exercendo uma *função profissional*, mas ela tem um *limite*, sob pena de negar-se a si própria, e tem um *estilo* que dá ênfase ou prioridade à *função cultural* ou em vista dela. «Participando na lógica utilitária e na concertação realista, ela reserva-se um santuário de liberdade e uma margem de autonomia para exercer a sua missão cultural» que não é menos importante para o progresso das sociedades pois «cria ideias e valores que a enriquecem e fecundam» (CARRIER, 1984, 484), e sem os quais «o destino duma nação resvala para o nível da política comercial duma empresa» (REMOND, 1987, 12). Esta problemática está enunciada no Projecto do Magnífico Reitor (p. 26).

B — *Perfil do universitário*

Estes pressupostos do que é a Universidade e a sua missão, permitem-me esboçar, em alguns traços, o perfil do universitário.

E indicaria quatro:

*Racionalidade, Cientificidade;
Atitude pedagógica, Disposição ética.*

A *racionalidade* é um modo lógico de pensar e de dizer que alcança a verdade das coisas e da vida, ou vai na direcção dela, e a exprime convenientemente.

A racionalidade não se pratica apenas em *part-time* no momento da lição ou na abordagem da pesquisa, mas imbuirá as outras esferas da vida — dará o tom à reunião, modos ao tempo livre, composição saudável à dieta; humanização ao espaço ambiente; e evitará a poluição doméstica e exterior.

A racionalidade não vive do conflito mas assume-o, quando ocorre, procurando decifrar-lhe o sentido, as causas, e dá razão a quem a tem.

Não se compraz nas deficiências nem nos erros, mas reconhece-os sem subterfúgios e emenda-os sem temperos atenuantes.

Não elimina a emoção, a afectividade, a comiseração, o gosto, a complacência, etc., mas integra-os na lógica das funções e com a complementaridade que lhes é própria.

A *cientificidade*, empenhando a razão, servindo-se instrumentalmente de técnicas apropriadas e exercendo-se sobre a matéria-prima dos factos, e dos dados que os expressam, é um modo controlado de atingir a realidade e de a explicar. Assim é um traço característico do universitário. É *concentrada*, tem objectos específicos, tem condições próprias, em que se realiza; mas espera-se que seja também *difusiva*, transbordando para a vida na melhor apreciação dos factos correntes e inculcando ponderação no ajuizamento acerca dos outros.

A cientificidade não exclui uma certa emulação saudável, ou desafio, que as obras, os modelos e os agentes da ciência podem provocar nos outros, estimulando e sugerindo metas de maior saber. Mas já não o será se degenerar, «e onde só podia

esperar razão ali, achou maior agravo» (VIEIRA, 43). A violência da competição, em referência a certas Universidades (USA), comparou-a um autor à da Madison Avenue, com a agravante ainda, diz ele, das cortesias intelectuais por que se disfarça e do idealismo pedagógico que ostenta (BERGER, 1978, 189).

A cientificidade, bem entendida como hábito mental, não obsta a outras formas de conhecimento, cujas fontes e processos são diferentes dos da ciência. Esta mesma limitada (DINIS, 1990, 449).

A *atitude pedagógica* não se limita à forma de comunicar, de ensinar, mas é uma grande preocupação de formação humana, de maneira a fazer emergir o sentido de responsabilidade e a criar condições para o seu exercício. No seu termo, ou por efeito dela, haverá não só homens cultos, mas também criativos, pacíficos e solidários com os demais. Pedagogia entendida no sentido do texto grego: παιδεια τροφή ψυχης εστιν (*a educação é alimento da alma*), penhor da perfeição humana.

Mesmo que não exista, em determinada Universidade, um Departamento de Ciências da Educação, tal atitude é necessária em qualquer instituição escolar, educativa.

Sendo *ciência* é também uma *arte* e espera-se que seja um *resultado*, visível nos comportamentos, nos modos de relação, sobretudo com os jovens, estudantes e crianças.

A *disposição moral* refere-se a verdades, valores e normas que a razão inspira, ou recebe como iluminação superior; a cultura enquadra, de modos diversos; e a consciência lhes é de pauta, nos respectivos comportamentos, e que dão significado à vida humana ordenando-a para um Fim. O homem é um ser moral.

A disposição moral já se verifica ao nível do processo científico em gestos de *humildade* diante da imensa riqueza do mundo que se investiga e das limitações dos que o fazem; de *aceitação paciente* das provas em contrário e vontade de rever leis e teorias; da *solidariedade* entre os indivíduos de igual mister.

Tal disposição, para além dos limites restritos da ciência, afectará as relações inter-pessoais, enformará a actividade dos grupos, será partilha das dificuldades da comunidade universitária e cooperação para as resolver competente e humanamente.

A disposição moral desabrochará no *Transcendente* — *DEUS*, ou sustém-se nele; poderá habitar de forma implícita nas consciências rectas; ou talvez se comece a pressentir na atitude expectante daquele que, simplesmente, se abre para «*luz, mais luz*».

E se, no meio ambiente, os sinais da Transcendência forem apenas rumores, bem é que, ao aviso de um autor, sociólogo humanista, se lancem na exploração desses rumores e os sigam até à sua fonte. E tal descoberta será uma conquista da abertura em nossa percepção da realidade (BERGER, 1973, 125).

«Nunca, como agora, nos demos conta tão viva de que o futuro de cada um de nós depende da cooperação moral de todos. *Apenas a sabedoria nos salvará*. A ciência, que é a real riqueza das nações, tem de tornar-se um aliado ao serviço desta visão humanística do nosso futuro e crescimento» (CARRIER, 1987, 251 s.).

Em epílogo

E num texto sobre a *SABEDORIA* que trás em si a inspiração, que eu não tinha, ponho *todo o desejo e o melhor augúrio de que o mandato do Magnífico Reitor, com a sua equipa, seja próspero e feliz*:

«... *Desejei* e veio a mim o espírito da Sabedoria.

Eu a preferi aos cetros e tronos e, comparadas com ela, um nada julguei as riquezas.

Não a comparei às pedras preciosas, porque todo o ouro, ao lado dela, é apenas um pouco de areia, e a prata... considerada como lodo.

Amei-a mais do que a saúde e a beleza, e antes a quis ter que a luz do sol, porque a sua claridade jamais se extingue.

Com ela me vieram todos os bens, e nas suas mãos estão inumeráveis riquezas.

Aprendi-a com lealdade e reparto-a sem inveja... porque ela é, para os homens,

um tesouro inesgotável».

(*Sab. 7,7-14*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTATUTOS DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES, in «Diário da República», n.º 297, I Série, Despacho Normativo n.º 178/90, de 27 de Dezembro, p. 5226.

MACHADO PIRES, A.M.B., *Projecto de Candidatura à Reitoria da Universidade dos Açores*, 1991.

*

ARCHAMBAULT, E., *Universités à/pour décentraliser*, in «Projet» 185-186 (1984) 589-594.

BERGER, P., *Um Rumor de Anjos*, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

— *Perspectivas Sociológicas*, Editora Vozes, Petrópolis, 1978.

CARMO, F., *As Ciências Sociais e a Missão Cultural da Universidade*, in «Arquipélago — Ciências Sociais», 1 (1986), 181-196.

— *A Hora da Universidade*, 1 e 2, in «O Telégrafo» (17 e 20 de Outubro de 1989, pp. 1 e 4).

CARRIER, H., *Futuro e Função da Universidade*, in «Brotéria», vol. 119, 6 (1984), 483-495.

— *Podem os cientistas ser humanistas espirituais?*, in «Brotéria», vol. 125 4 (1987), 243-255.

— *O Significado Cultural do Desenvolvimento*, in «Brotéria», vol. 2 (1989), 123-137.

DINIS, A., *Os Limites da Ciência*, in «Brotéria», vol. 130, (1990), 443-449.

RÉMOND, R., *Les Missions de l'Université*, in «Projet», 205 (1987), 9-16.

SIMÕES LOPES, A., *Repensar a Universidade: Perspectivar o futuro*, in «Brotéria», vol. 131, 1 (1990) 19-34.

— *Autonomia Universitária*, in «Brotéria», vol. 128 (1989), 92-95.